



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA E CONCLUSÃO DE CURSO
PROFESSOR ORIENTADOR: DEUDEDITH ALVES ROCHA JUNIOR

MARIANA CLEMENTE JUNGMAN

2031449/0

**CADERNOS DE CULTURA: UM ESTUDO
SOBRE A “ILUSTRADA” E O “CADERNO B”
(1966 – 2006)**

BRASÍLIA

2006

MARIANA CLEMENTE JUNGMAN

**CADERNOS DE CULTURA: UM ESTUDO
SOBRE A “ILUSTRADA” E O “CADERNO B”
(1966 – 2006)**

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social, como requisito
parcial para a obtenção ao grau de
Bacharel em Jornalismo do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília

Orientador: Prof. Deusdedith Alves Rocha
Junior

BRASÍLIA

2006

MARIANA CLEMENTE JUNGSMANN

CADERNOS DE CULTURA: UM ESTUDO SOBRE A “ILUSTRADA” E O “CADERNO B” (1966 – 2006)

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social, como requisito
parcial para a obtenção ao grau de
Bacharel em Jornalismo do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília

Orientador: Prof. Deusdedith Alves Rocha
Junior

Brasília, outubro de 2006

Banca Examinadora

Prof. Deusdedith Alves Rocha Junior
Orientador

Prof. Paulo Roberto Paniago
Examinador

Prof. Kelly Ramos de Souza
Examinadora

*Ao Alexandre por mudar minha
percepção do mundo e me
apresentar um novo olhar, que
agora influencia tudo o que vejo e
o que faço.*

AGRADECIMENTOS

*Ao meu orientador, Zezeu,
pela dedicação e empenho.
E acima de tudo, por
derrubar meus
preconceitos e limar meus
olhos para me ajudar a
 enxergar com clareza meu
objetivo. Aos meus pais,
Lúcia e Vicente, pela
confiança sempre. E aos
amigos de faculdade, pelos
quatro anos de
aprendizado juntos, e
apoio.*

*“Nesse Grande, imenso Pet Shop, a
cultura é um sabão, artigo de
fim de estoque, aproveite a
ocasião”
(Zeca Baleiro)*

RESUMO

A partir de fontes da coleção de jornais históricos da Biblioteca Luiz Viana Filho, no Senado Federal, foi possível ter acesso aos cadernos de cultura da Folha de São Paulo, Ilustrada, e do Jornal do Brasil, Caderno B, datados de 1966, para fazer uma comparação com os mesmo cadernos em 2006. A partir daí, e com embasamento bibliográfico adequado para uma contextualização histórica, foram identificadas as principais alterações e permanências nos aspectos formais dos dois cadernos. Além disso, foi observado também o comportamento da grande imprensa brasileira diante da cultura e como ela é retratada nesses jornais.

Palavras Chave: Folha de São Paulo; Jornal do Brasil; Cadernos de Cultura; Jornalismo Cultural; Anos 1966 – 2006

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	11
2.1 ATUALIDADE: COMO OS CADERNOS DE CULTURA SE APRESENTAM NO SÉCULO XXI	14
3.1 PADRÃO: CARACTERÍSTICAS COMUNS DE CADA PERÍODO	20
4. ANÁLISE	24
5. CONCLUSÃO	27
6. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Os cadernos de cultura são um dos espelhos da vida social de uma população. Afinal, são nesses cadernos que se encontram a agenda de lazer de uma cidade, a coluna social, mostrando quem é a elite daquele lugar, as matérias e reportagens sobre a produção artística do país, as crônicas e críticas, que dizem um pouco sobre como a sociedade se comporta diante de algo novo. Nesse caso, os cadernos culturais mostram o comportamento de uma sociedade pela ótica de sua imprensa.

Analisar o que a grande imprensa brasileira considera cultural é de extrema importância para entender a relação que o público tem com a cultura. Isso porque, se por um ângulo a imprensa forma opinião, e pauta a agenda da população, de outro ela é também um reflexo das convicções e do modo como essa mesma população se enxerga.

Como essa imprensa, em especial o jornalismo cultural, vem se comportando ao longo do tempo, a maneira como se apresenta, os temas aos quais dá mais importância segundo seu contexto histórico e político, são fatores a serem analisados neste estudo. Além disso, procurar-se-á perceber mudanças e permanências dos modelos formais nos cadernos de cultura dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Nesse caso, o conteúdo textual será observado de forma secundária, procurando dar mais atenção à hierarquia dos temas, à ordem das notícias e à sua estruturação.

Para fins de comparação, será analisado a Ilustrada, da *Folha de S. Paulo*, e o Caderno B, do *Jornal do Brasil*. Os cadernos de 2006 serão comparados, um com o outro, e os dois com seus modelos do ano de 1966. O objetivo é indicar as principais características desses cadernos de cultura e possíveis alterações ao longo dos anos influenciadas pelas mudanças sociais ocorridas no Brasil nessas quatro décadas. Os dois jornais foram escolhidos por já estarem firmados e com público médio bem definido nos dois períodos. Além disso, Rio de Janeiro e São Paulo eram e ainda são o centro cultural do país, sendo, portanto, as cidades mais indicadas no caso de uma análise do comportamento do jornalismo cultural, especialmente na década de 1960.

Essa década foi selecionada por representar um período de mudanças políticas e sociais que marcaram muito a história brasileira. Além disso, a distância temporal para a comparação com os jornais da atualidade mostra-se ideal, uma vez que propicia tempo suficiente para que possíveis alterações no formato dos jornais tenham ocorrido. Ao mesmo tempo, não se afasta demais a ponto de o contexto histórico tornar absolutamente distintas as sociedades brasileiras dos dois períodos.

A análise de conteúdo e forma dos cadernos de cultura, a partir dos assuntos tratados nos mesmos, considerando a concepção de cultura empregada, embasada por pesquisa bibliográfica, é a metodologia escolhida para propiciar esta pesquisa. Nesse caso, elementos conceituais para definir a noção de cultura, o contexto histórico brasileiro na década de 1960 e a noção de “estrutura de sentimento”, usada por Marcelo Ridenti, formam a base teórica deste estudo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Durante os conturbados anos da ditadura militar brasileira (1964 – 1985) o jornalismo cultural foi duplamente atingido. Primeiro porque a atividade de noticiar – própria do jornalismo – estava cerceada pela censura. Textos eram retalhados ou simplesmente impedidos de serem publicados, jornalistas eram perseguidos e as fontes tinham medo de falar. Mas, mesmo que pudessem trabalhar sem problemas, ou conseguissem burlar o sistema montado para a vigilância e a censura do governo brasileiro, os repórteres culturais não teriam facilidade em chegar ao seu objeto. Isso porque toda a produção cultural do país também estava amarrada pelas cordas da censura. Aos olhos do governo militar, artistas em geral, fossem eles da música, cinema, artes plásticas, teatro ou qualquer outro tipo de atividade artística, estavam fortemente sob suspeita. A vigilância sobre as atividades políticas se estendiam também à arte e à cultura, por serem elas eficientes fatores de propagação de ideologias e resistência. Marcos Napolitano, da Universidade do Paraná, fala sobre como os artistas da música se destacavam dentro dessa suspeição do regime militar por causa de sua amplitude junto à população em seu texto “A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968 – 1981)”.

Portanto, a esfera da cultura era vista com suspeição *a priori*, meio onde os “comunistas” e “subversivos” estariam particularmente infiltrados, procurando confundir o cidadão “inocente útil”. Dentro dessa esfera, o campo musical destacava-se como alvo da vigilância, sobretudo os artistas e eventos ligados à MPB (Música Popular Brasileira), sigla que desde meados dos anos 60 congregava a música de matriz nacional-popular (ampliada a partir de 1968, na direção de outras matrizes culturais, como o *pop*), declaradamente crítica ao regime militar. A capacidade de aglutinação de pessoas em torno dos eventos musicais era uma das preocupações constantes dos agentes da repressão. (NAPOLITANO, 2004, pg 03)

Preocupado em explicar adequadamente a complexidade e a diversidade do momento artístico vivido na sociedade brasileira dos anos de 1960, Marcelo Ridenti propõe que o florescimento cultural e político dessa época seja denominado “estrutura de sentimento da brasilidade romântico-revolucionária” (Ridenti, 2000), denotando assim, um comportamento sócio-cultural que caracterizava o pensamento de artistas e intelectuais ligados às esquerdas.

Valorizava-se acima de tudo a vontade de transformação, a ação para mudar a História e para construir o homem novo, como propunha Che Guevara, recuperando o jovem Marx. Mas o modelo para esse homem novo estava, paradoxalmente, no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, do “coração do Brasil”, supostamente não contaminado pela modernidade urbana capitalista. (RIDENTI, 2005, pg 84)

Esse conceito será uma das bases de análise deste trabalho. E para aplicá-lo melhor, aos cadernos de cultura dos dois principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*, estes deverão ser observados e comparados, levando-se em conta exemplares de 1966. Com essa estratégia, pretendemos estabelecer um traço comparativo entre os dois momentos, o presente e a década de 1960, atendo-nos mais aos aspectos formais que caracterizam os cadernos de cultura, que os elementos textuais neles presentes.

Não foi escolhido nenhum momento histórico marcado por um acontecimento político ou cultural específico para destacar os dois períodos. A opção, no caso deste estudo, foi por analisar a forma como os fatos eram abordados no cotidiano do caderno de cultura, e não as notícias em si. Por isso, os exemplos histórico-culturais citados são feitos para fins de contextualização, e não como análise da linha editorial dos jornais.

As duas cidades foram escolhidas por serem o centro da efervescência artística do país nesse período e também porque a imprensa tem seus produtos mais desenvolvidos ali. Em São Paulo, essa agitação cultural, durante os anos 1960, estava voltada especialmente para as artes cênicas, com o Teatro de Arena e, posteriormente, o Teatro Oficina. Claro que o Cinema Novo, a literatura, a música, a dança e todas as outras movimentações culturais da época também se faziam presentes naquela cidade, mas sem dúvida, a dramaturgia foi o que marcou São Paulo nos anos da ditadura.

Já no Rio de Janeiro, a música era o principal fator catalisador do sentimento romântico-revolucionário. Primeiro de forma distante, reconhecendo os problemas sociais e políticos do país, mas de maneira resignada. Artistas como Chico Buarque e Vinicius de Moraes traziam novamente o samba do morro para o asfalto e queriam mantê-lo longe da guerra política. Porém, com o endurecimento do regime em 1968, essa música passou a servir também à contestação e à resistência.

A partir daí Chico e Vinicius encontram coro em cantores e compositores como Edu Lobo, Carlos Lyra, Sidney Miler, Geraldo Vandré, entre outros.

Por outro lado, É preciso considerar que na década de 1960 o Brasil era um país cujo desenvolvimento urbano ainda não apagara as marcas do mundo rural. E que esses artistas que compartilhavam o sentimento romântico-revolucionário imaginavam a transformação através de um homem do povo, que tinha o estereótipo de camponês – sempre um homem humilde, com pouco ou nenhum acesso à educação escolar. Marcelo Ridenti exemplifica esse cenário lembrando o que acontecia no resto do mundo no mesmo período.

Sem dúvida, essa estrutura de sentimento era portadora de uma idealização do homem do povo, especialmente do campo, pelas classes médias urbanas. Mas ela se ancorava numa base real: a insurgência dos movimentos de trabalhadores rurais no período. (...) Ademais, vivia-se o impacto de revoluções camponesas no exterior, especialmente em Cuba e no Vietnã. Também é preciso lembrar que a sociedade brasileira ainda era predominantemente agrária pelo menos até 1960; estava em andamento um dos processos de urbanização mais rápidos da história mundial: de 1950 a 1970, a sociedade brasileira passou de majoritariamente rural para eminentemente urbana, com todos os problemas sociais e culturais de uma transformação tão acelerada. (RIDENTI, 2005, pg 87)

Além disso, o período que antecede o golpe de 1964 foi de extremo desenvolvimento político nas classes populares e nos trabalhadores. O professor Caio Navarro de Toledo, no texto “Brasil: do ensaio ao golpe”, lembra que o Comando Geral dos Trabalhadores, espelho do movimento sindical da época, chegou a ser chamado pela imprensa de “quarto poder”. As Ligas Camponesas lutavam contra a opressão latifundiária e a população pressionava cada vez mais pelas reformas políticas, econômicas e sociais necessárias ao desenvolvimento do país.

Não tendo acesso aos meios de comunicação de massa, a esquerda nacionalista e socialista, além de seus órgãos de imprensa (jornais, revistas...), buscava difundir as propostas reformistas do nacional-desenvolvimentismo – ou mesmo da revolução socialista – por meio de experiências como o teatro, a música e as artes plásticas (TOLEDO, 2004, Pg 08)

Sendo assim, é possível perceber que o sentimento da brasilidade romântico-revolucionária que atingiu artistas e intelectuais durante o regime militar foi semeado antes disso, ainda no governo João Goulart, quando o sentimento de brasilidade (ainda não romântico-revolucionária) passava por uma reavaliação com o crescimento da intelectualidade marxista no país. Em meio a isso, os cadernos de cultura refletiam, de um lado a expressão desse “sentimento” e de outro, as estratégias comerciais da grande imprensa.

Os cadernos de cultura, porém, retratam mais do que o engajamento social dos bossa-novistas ou dos atores do Teatro Oficina. Observando exemplares da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal do Brasil* datados de agosto de 1966, é possível perceber as diferenças de comportamento entre as sociedades paulista e carioca. A presença maciça de artistas cariocas nas páginas do *Jornal do Brasil* mostra como o Rio estava voltado para sua própria agitação cultural. Além disso, é possível notar um misto de matérias sobre lançamentos cinematográficos e exposições no Museu de Arte Moderna, com dicas de comportamento e beleza bem ligados aos costumes da época. Já São Paulo apresenta um caderno cultural mais erudito. Mostras de cinema polonês e propagandas de filmes na televisão (neste caso, o primeiro longa-metragem que passou do cinema para a TV: *Labirintos da Justiça*) são exemplos do conteúdo do caderno de cultura da *Folha de S. Paulo*.

2.1 ATUALIDADE: COMO OS CADERNOS DE CULTURA SE APRESENTAM NO SÉCULO XXI

É notável que a cobertura cultural dos jornais do novo século – agora permeada por blogs e correspondentes de Nova York e Londres é bem diferente do modo como era produzida na década de 1960. Essa mudança no jornalismo reflete alterações no comportamento geral da sociedade. Tais alterações Marcelo Ridenti as identifica principalmente na “valorização exacerbada do ‘eu’”. O autor percebe que houve uma transição, a partir dos anos 80, do sentimento romântico-revolucionário para o que ele chama de “sentimento da individualidade pós-moderna”.

A antiga estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária por certo tem herdeiros, mas há muito deixou de ser predominante, em vários casos transformou-se numa ideologia legitimadora da indústria cultural brasileira. Pode-se arriscar a hipótese – seria melhor dizer intuição, pois ela é difícil de comprovar, uma vez que ainda não há o devido distanciamento no tempo – de que o lugar principal é agora ocupado pela estrutura de sentimento da individualidade pós-moderna, esboçada naqueles mesmos anos de 1960, caracterizada pela valorização exacerbada do “eu”, pela crença no fim das visões de mundo totalizantes, dado o caráter completamente fragmentado e ilógico da realidade, pela sobreposição eclética de estilos e referências artísticas e culturais de todos os tempos, pela valorização dos meios de comunicação de massa e do mercado, pela inviabilidade de qualquer utopia. (RIDENTI, 2005, pg 26)

A “inviabilidade de qualquer utopia”, a que se refere Ridenti, se dá principalmente por causa da lógica mercadológica que o jornalismo – aí não só o cultural – tomou como norteadora. Esse aspecto é percebido também por Daniel Piza ao longo de sua experiência como repórter e editor de cultura dos maiores jornais do país em seu livro *Jornalismo Cultural*. “Na verdade, uma matéria jornalística – nesta era da multiplicação industrial – é, ela mesma, um produto cultural, para um consumo que às vezes se esgota em si mesmo”, explica. Piza atenta ainda para a superficialidade que os cadernos culturais adotaram na era do Big Brother e das celebridades efêmeras.

Os cadernos diários estão mais e mais superficiais. Tendem a sobrevalorizar as celebridades, que são entrevistadas de forma que até elas consideram banal (“Como começou sua carreira?” etc.); a restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos da página); a destacar o colunismo (praticado cada vez menos por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as “reportagens”, que na verdade são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao *press-release*). Os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop, que dominam as tabelas de consumo cultural. (PIZA, 2004, pg 53)

Ao comparar os cadernos culturais anteriores, podia-se perceber que os artigos, colunas e outros espaços destinados à opinião eram ocupados por cineastas, escritores, artistas plásticos, sempre gente já firmada e reconhecida no meio artístico. Essas pessoas passaram, na atualidade, a ser fontes das matérias –

na maioria dos casos as únicas fontes – e o espaço de opinião ficou destinado a jornalistas.

Além disso, como alega Daniel Piza no trecho supracitado, o colunismo tem sido praticado cada vez menos por jornalistas de carreira, ficando essa função a cargo dos mais jovens, provavelmente na esperança de que eles apresentem as tendências e novidades. O problema é que o mesmo jornalista que escreve a coluna de opinião vai depois fazer a matéria sobre aquele assunto. É fácil concluir que essa mistura é como dinamite nos valores-base que servem de horizonte ao jornalismo (objetividade, distanciamento, neutralidade, etc).

Uma característica forte nesses cadernos atualmente é o espaço amplo para reportagens e matérias – que figuram inclusive na capa. Antes o tamanho dessas matérias era reduzido e elas apareciam em menor quantidade. Mesmo assim, essas alterações não provocam mudanças nos espaços destinados à superficialidades, tais como horóscopo, colunas sociais, notas sobre televisão, etc. Portanto, é possível dizer que a principal diferença ficou por conta da substituição dos espaços de opinião, nos cadernos da década de 1960, por reportagens jornalísticas, no século XXI. Não significando essa mudança, de nenhum modo, um aumento nos investimentos e reconhecimento do caderno de cultura dentro do jornal.

A falácia comum no meio jornalístico de que não vale a pena investir em cultura porque ela não desperta interesse, e logo o ideal seria se limitar a fazer uma agenda com os eventos de grande bilheteria, é derrubada por Daniel Piza quando o autor observa que boas peças de jornalismo cultural têm sucesso entre o público.

O *Globo Repórter*, por exemplo, fez numa ocasião um programa especial sobre Tom Jobim, quando o compositor ainda era vivo, teve ótima audiência e ainda conquistou prêmios internacionais; no entanto, jamais quis saber de repetir a experiência com outras grandes personalidades culturais brasileiras. Então o argumento da falta de interesse é, no mínimo, cômodo. (PIZA, 2004, pg 66)

Além de perceber que os falsos dilemas contribuem apenas para uma situação que chama de “nociva para o jornalismo cultural”, o autor realça alguns dos problemas que afetam diretamente a qualidade do caderno de cultura – que hoje é também chamado de “caderno de artes e espetáculos” – nome que, por si só, já

caracteriza bem a mudança de foco no trabalho do jornalista cultural. Seriam três os principais desses problemas.

O primeiro é o excessivo atrelamento à agenda – ao filme que estréia hoje, ao disco que será lançado no mês que vem etc. – e, com isso, um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e grifes. O segundo mal é o tamanho e a qualidade dos textos, especialmente esses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos *press-releases*, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra e/ou de alguns adjetivos, e que vêm diminuindo com o passar do tempo, sendo restritos às informações mais ralas. E o terceiro é a marginalização da crítica, sempre secundária a esses “anúncios”, com poucas linhas e pouco destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo; há uma nostalgia, endossada pelas reedições de livros e coletâneas, dos grandes críticos do passado, de sua credibilidade autoral. (PIZA, 2004, pg 63)

Diante da percepção desses males fica claro que se há permanências nos formatos dos cadernos de cultura, as temáticas e os estilos de abordagem seguiram tendências diferentes. Com a perda de espaço para críticas e opiniões, e a transferência desse espaço para matérias de cunho noticioso, o caderno se torna mais factual e menos analítico. Ganha em fluidez, e perde em profundidade.

O caminho percorrido pelo jornalismo cultural até esse ponto, passando por suas primeiras publicações, e seguindo pelas mais importantes, é assunto a ser discutido nesse estudo mais adiante.

3. CADERNOS DE CULTURA

Não existe uma data que marque o início do jornalismo cultural no mundo. Em seus estudos, Daniel Piza opta por usar como marco a criação da revista *The Spectator* na Inglaterra, pelos ensaístas Richard Steele e Joseph Addison, em 1711. “Os dois decidiram lançar a *Spectator* com a seguinte finalidade: ‘Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casa de chá e cafés’. E assim seria.” (PIZA, 2004, Pg. 11). Em sua provável origem podemos verificar que há um claro entendimento de que a cultura é representada pela filosofia, as artes, a literatura e tudo aquilo que é objeto da formação universitária.

Os dois jornalistas teriam conquistado tamanha influência e prestígio, além é claro de atingir seu objetivo e colocar as discussões culturais entre os assuntos sociais, que teriam conseguido provocar a mistura do jornalismo, aqui entendido como um modo da informação, e a arte, que agora se tornava objeto da informação e análise nesse instrumento privilegiado, o jornal. É principalmente com a concepção iluminista de arte e de cultura, com a influência que a literatura e a difusão de idéias através do já então ágil instrumento, o jornal, que a arte, a imprensa e o pensamento europeus, notadamente as concepções inglesas, tráfegam o mundo, difundindo, acima de tudo, uma idéia de “civilização” que sintetizava e sobrepunha as concepções européias sobre o resto do mundo. Na literatura, por exemplo, surgem autores até hoje reconhecidos como Jonathan Swift, autor de *Viagens de Gulliver*, e Daniel Defoe, de *Robinson Crusoe*, que muito se valeram das estratégias culturais da imprensa.

Iniciava-se então, graças ao poder multiplicador da imprensa, uma era de ouro do jornalismo europeu, tão influente na modernidade quanto as revoluções políticas, as descobertas científicas, a educação liberal ou o romance realista. Na Inglaterra, além de Addison e Steele, o ensaio reproduzido instantaneamente teve nomes influentes como o citado Samuel Johnson (1709-1748), o dr. Johnson, que escrevia em *The Rambler*, e William Hazlitt (1778-1830), em *The Examiner*, para não falar de Charles Lamb, na *London Magazine*, e muitos mais. (PIZA, 2004, pg 13)

O Brasil, recém independente e carente de uma revisão da sua identidade, teve em Machado de Assis o mais ilustre dos jornalistas culturais. Tendo

começado sua carreira como crítico de teatro e literatura, o escritor produzia ensaios semanais e resenhava obras de grandes autores como o português Eça de Queiroz. Outros nomes também são citados por Piza, como críticos de arte e jornalistas contemporâneos a Machado, dentre eles, José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Júnior.

Mas nesse período, a segunda metade do século XIX, o jornalismo cultural começava a passar por mudanças profundas em sua estrutura. A imprensa ganhava força social e os críticos de cultura nos jornais vinham unir outros ingredientes aos ensaios periódicos, tais como polêmicas políticas, discussões de comportamento e produziam algumas mudanças na análise das obras. Na Inglaterra, por exemplo, o nome que provocava fissura tão profunda na linha ensaísta de Steele e Addison era o do irlandês George Bernard Shaw.

As críticas de arte saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas, mostrando, por exemplo, que uma ópera de Mozart era composta de muito mais elementos que as belas melodias e o figurino pomposo. O crítico cultural agora tinha de lidar com idéias e realidades, não apenas com formas e fantasias. (PIZA, 2004, pg 17)

Temos então para a crítica de arte que preenche os comentários culturais dos jornais um claro envolvimento com as questões nacionalistas, identitárias e políticas, que ainda hão de se tornar mais intensas anos vindouros.

No início do século XX, imprensa e movimento modernista andavam juntos, um influenciando o outro em todo o mundo. Nesse ponto, o cenário foi fértil para o aparecimento de diversas revistas culturais. A principal delas até hoje é, sem dúvida, a americana *New Yorker*. A revista não se destaca apenas por ter revelado críticos de arte, que expressavam bem as mudanças no jornalismo cultural, e cartunistas, que caracterizavam o humor sutil da publicação. A *New Yorker* foi celeiro do principal movimento que uniu imprensa e arte: o chamado Jornalismo Literário.

Foi ali que John Hersey escreveu em 1946 o que foi eleito como “a reportagem do século”: *Hiroshima*. Foi ali que Lillian Ross, num perfil de Ernest Hemingway em 1950, fundou esse gênero do jornalismo moderno e abriu caminho para as invenções do “*New Journalism*”. Foi ali que Truman Capote praticamente lançou a não-ficção moderna em 1959 com *A sangue frio*, relato dos pensamentos de

dois condenados à pena de morte. Foi ali que Kenneth Tynan, crítico de teatro inglês que brilhara nos anos 30 e 40 na *Spetactor*, escreveu memoravelmente sobre atores e diretores como Laurence Olivier, Orson Welles e Greta Garbo (“O que vemos bêbados nas outras mulheres, vemos em Garbo sóbrios”). Foi ali que Joseph Mitchell, John McPhee, Calvin Trillin e Adam Gopnik, entre tantos outros ao longo de quase oito décadas, mativeram viva a reportagem interpretativa, com teor subjetivo, pique narrativo e recurso da ficção como a atenção a detalhes e vozes. (PIZA, 2004, pg 24)

Mais uma vez, tanto por seus aspectos estéticos quanto pelo novo conteúdo que propunha, a revista, e, mais ainda, o jornal, traziam para a literatura novas possibilidades. Foi assim que o modernismo lançou mão de uma nova estética para a poesia, experimentando construções estéticas inovadoras, e que a crônica encontrou no jornal um novo espaço, perfeito para o seu novo formato fácil e ágil.

3.1 PADRÃO: CARACTERÍSTICAS COMUNS DE CADA PERÍODO

Apesar de a literatura ter permanecido presente no jornalismo cultural brasileiro, inicialmente com Machado de Assis e com os outros autores supracitados, seguidos mais tarde por escritores como Mário de Andrade, Lima Barreto, e depois por autores que apareciam na revista *O Cruzeiro*, por exemplo, como Manuel Bandeira (articulista), o Jornalismo Literário, propriamente dito, apareceu muito tarde e ainda hoje permanece escasso, pelo menos em relação às outras temáticas que preenchem os cadernos de cultura. Foi a crônica jornalística que se aproximou muito mais do gosto dos leitores e jornalistas brasileiros, vindo a ser, portanto, “uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro”, nas palavras de Piza (2004, pg. 33).

Mas talvez pelas próprias mudanças sociais, que sempre influem na arte, outras formas de literatura, que não a crônica, tenham perdido espaço no jornalismo cultural brasileiro. Esta modalidade mesmo, mostra-se uma das mais objetivas dentro do universo literário, se encaixando muito melhor no formato que os jornais foram ganhando na segunda metade do século (mais diretos, objetivos e com textos mais enxutos). Com o passar do século XX, o romantismo foi afastando-se cada vez

mais do cotidiano dos leitores, e os romances em capítulos ou textos literários que ocupassem grandes espaços foram escasseando até desaparecerem por completo das páginas dos jornais. Ainda era comum, especialmente no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, encontrar poesias em algum ponto do caderno. Mesmo assim, de forma muito mais contida do que em outras épocas, e sem espaço fixo destinado a isso.

No *Jornal do Brasil*, que abordaremos com mais detalhes, mesmo com a modernização, que já havia começado em 1956, o “Caderno B”, o seu caderno de cultura, trazia sempre críticas de escritores e produtores da arte no Brasil daquele período. É o caso de Fernando Sabino e suas crônicas, e de Barbara Heliodoro, que escrevia sobre teatro. Mas as crônicas não eram as únicas características do padrão que o jornalismo cultural brasileiro seguiu durante a década de 1960. Em observação a jornais do período, é possível perceber que o conceito de cultura e dos assuntos que se encaixariam num caderno desse tema poderiam parecer bem mais amplos.

Na Folha Ilustrada, o caderno de cultura da *Folha de S. Paulo*, que também analisaremos em seguida, um pequeno quadro no alto da primeira página servia de índice e indicava sutilmente que ali começava o caderno de cultura da *Folha de S. Paulo*. Nada de destaques ou logomarca do caderno como acontece hoje. Além disso, a primeira página seguia um modelo que incluía três fotos de tamanho médio contendo notícias de assuntos variados. A estrutura do caderno era organizada, na seqüência, pelos seguintes assuntos: “Reportagem”, “Efemérides”, “Panorama”, “Horóscopo”, “Saúde” e “Teste” (todos estes, em geral, na página 2); “Ciência” (na página 3); “Teatro”, “TV-Rádio-Show” e “Discos” (na página 4). É preciso chamar atenção para o espaço dedicado à “Reportagem”. Não se trata, na realidade, de uma reportagem jornalística, como se pode pensar a princípio, ao ler a indicação no alto da primeira página do caderno. “Reportagem” nesse caso é o nome da coluna social de Tavares de Miranda, que ocupava grande parte da segunda página do caderno.¹

Ao final da Folha Ilustrada, encontram-se ainda dois sub-cadernos: o Caderno Feminino e o Caderno Infantil. Pode-se deduzir, de um lado, que a compreensão de “cultura” atribuída à esse espaço é extremamente generalizada. E

¹ Os cadernos de cultura citados podem ser verificados em anexo

de outro lado, que o jornal se define em seus termos e abordagens, exclusivamente masculino, reservando espaços específicos para a mulher e a criança.

O modelo seguido pelo Caderno B, do *Jornal do Brasil*, não diferia muito da Folha Ilustrada, o que pode demonstrar que se trata de um padrão seguido pela maioria dos jornais da época – a verificação empírica dos padrões estéticos dos jornais tanto vale para o passado quanto para o presente, não apresentando grandes variações². A principal diferença estética entre os dois cadernos de cultura é que o Caderno B tinha uma capa que indicava claramente o começo do caderno. Ao contrário da *Folha de S. Paulo*, no *Jornal do Brasil* a capa do caderno de cultura não tinha textos, mas apenas fotos e indicações dos assuntos que seguiriam no interior da publicação, e por vezes, pequenas poesias. Lá dentro os temas eram divididos em “Literatura”, “Música”, “Religião”, “Teatro” e “Artes” (na página 2); “Crônica”, de José Carlos Oliveira, e uma coluna social, de Léa Maria (na página 3); “Crônica”, de Fernando Sabino (na página 4); e outras páginas com “Passarela”, onde aparecem reportagens, notícias e dicas de moda e estética feminina. Segue o caderno, nas páginas seguintes, com “Atualidades”, “Classificados culturais”, “Panorama” (com notícias sobre teatro), encerrando-se com fotos de tamanho grande, sobre assuntos variados.

Ao analisar a amplitude dos temas escolhidos para constar no caderno de cultura dos jornais, podemos inferir que a grande imprensa parece tender para uma concepção de cultura que se define, de um lado para generalidades e efemérides, e de outro lado para artes, mais precisamente, notícias sobre eventos relacionados com teatro, cinema, televisão, e alguma coisa sobre literatura. Além disso, é importante registrar que os cadernos de cultura, em geral, estavam localizados entre os últimos cadernos dos jornais, tanto podendo isso significar que são os seus assuntos menos importantes, ou que, nomeados em uma chancela própria, seu destaque se desprende do corpo maior do jornal.

Dentro deles, é fácil perceber que a concepção de cultura, apesar de incluir uma infinidade de assuntos, se restringe ao artístico e ao literário, não considerando outros elementos também culturais. Os cadernos foram estruturados, em sua forma, buscando a divulgação do entretenimento aliada a crônicas e críticas mais elaboradas. Nos cadernos de cultura de 2006 essas crônicas e críticas não

² Neste caso valemo-nos das coleções disponíveis na Biblioteca do Senado Federal. Consultamos as fontes disponíveis nos meses de setembro e outubro de 2006.

desaparecem por completo, mas perdem espaço. A agenda de diversões permanece a mesma e as matérias jornalísticas, entrevistas e reportagens aparecem como o principal produto do caderno de cultura.

É importante marcar que a “Folha” Ilustrada, de 1966, torna-se apenas “Ilustrada” posteriormente. O sumário, que divide os assuntos do caderno, desaparece do alto da primeira página e ela ganha destaque com logomarca e cabeçalho próprio. Lá dentro, diversos assuntos antes considerados “culturais” como saúde e ciência não são mais encontrados – esses temas acabaram ganhando cadernos próprios, virando suplementos semanais.

Já no *Jornal do Brasil* a mais notável das mudanças ocorre no tamanho do jornal. O JB standart da década de 1960 vira tablóide no século XXI, mudando completamente sua estética. Na capa do Caderno B ainda é possível encontrar uma grande foto, mas agora com destaque para uma matéria que será retomada no seu interior. E os temas Saúde, Vida e Ciência foram reunidos em uma única coluna, no final do caderno. A presença desses assuntos, posta desta maneira, apesar de parecer indicar uma ampliação na concepção de cultura, mostra que eles não se enquadram no contexto geral do caderno, e por isso são separados em um único espaço.

4. ANÁLISE

Para analisar um caderno denominado cultural é preciso, antes, identificar o conceito de cultura nesse contexto. Afinal, se levarmos em consideração que a noção de cultura trata de qualquer ato não-biológico que organize a vida humana, tais como símbolos, linguagem e representações, então o universo de que estamos falando torna-se muito amplo, ficando impossível de ser completamente abordado num caderno diário. Essa noção de cultura é que o historiador Deusdedith Alves Rocha Júnior tenta definir em seu texto não-publicado “História Cultural: Incursões Teóricas e Metodológicas para a Pesquisa”.

Quanto à sua natureza, o termo cultura tem sido empregado para indicar o desenvolvimento do indivíduo e do grupo por meio de aprendizados transmitidos nas relações sociais, que estabelecem verdadeiros “mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instituições – para governar o comportamento. Como conjunto dos sistemas simbólicos ou como soma de todas as criações humanas (e neste caso pode ser como cultura material ou imaterial), o termo cultura tem sido empregado largamente nas ciências sociais. (ROCHA JÚNIOR, s/d, pg 07)

Não só nesses cadernos, mas de uma forma geral na sociedade ocidental moderna, a noção de cultura, por muito tempo, sustentou a idéia de que as manifestações literárias, artísticas e intelectuais mais elaboradas lhe dava sentido, estabelecendo uma oposição às manifestações populares cotidianas ritualizadas, a quem tomavam como produto de “folclore” (com um certo sentido pejorativo). Somente com a desconstrução dessa oposição foi que se passou a englobar novos elementos promovendo um processo de ressignificação da noção de cultura. Mas, de um modo geral, podemos afirmar que os cadernos de cultura, mesmo quando tratam de temas que extrapolam a arte e a literatura, não escapam do vício etnocêntrico de considerar a cultura como o mais elevado exemplo da arte e literatura ocidentais.

Sendo assim, a tendência a esse conceito etnocêntrico de cultura, associada à diversão e entretenimento, é a principal característica que foi mantida durante 40 anos nos cadernos de cultura da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal do Brasil*. Além disso, a escolha dos temas preferencialmente abordados demonstra a

permanência de certos valores morais nos discursos sobre os objetos de cultura ideais e comportamentos sociais desejáveis, apesar dos momentos históricos distintos.

A permanência de Colunas Sociais com amplo espaço dentro dos jornais, como é o caso da coluna de Hildegard Angel no *Jornal do Brasil*, e Mônica Bergamo na *Folha de S. Paulo* indicam a continuidade dos valores sociais e comportamentais que já eram perceptíveis nos cadernos de cultura em 1966. Tais valores, coincidentemente se sustentam em uma mesma estrutura formal do jornal: colunas que ocupam meia página vertical (ou em alguns casos, dois terços da página), logo no início do caderno de cultura.

Também a agenda de cinema, da qual os filmes de Hollywood (e mostras hollywoodianas do cinema europeu) ocupam quase a totalidade do espaço, permanece pouco alterada, demonstrando a insistência nessa referência etnocêntrica de cinema, mesmo num mundo que se pretende globalizado.

A agenda de opções de entretenimento, aliás, é o melhor exemplo de como os cadernos de cultura indicam um comportamento socialmente desejável dentro desses valores e dessa visão de cultura. Dentro dela há pouco ou nenhum espaço para manifestações consideradas inferiores culturalmente, a não ser aquelas já tenham passado por adequações impostas pela Indústria Cultural. É o caso das apresentações de *rap* e/ou *hip hop*. Os cantores de *hip hop* norte-americanos, glamourizados ao lado de belas mulheres com jóias e carros esportivos, têm espaço garantido, bem como os brasileiros que seguirem esse exemplo. Mas os cantores de *Rap* da periferia das grandes cidades, que ainda mostram letras inadequadas para esses padrões identificados nos cadernos de cultura, sofrem com a dificuldade de divulgação de apresentações ou com a forma incorreta com que elas são interpretadas e retratadas nesses cadernos.

O padrão seguido pelos jornais brasileiros para o caderno de cultural na década de 1960, e observado em especial na *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*, e no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, neste estudo, a princípio parece ter pouca ligação com o contexto sócio-político daquele período. No momento em que pululava a rebeldia e a resistência ao regime ditatorial, e as mulheres forçavam uma emancipação – através principalmente da pílula anticoncepcional – que não combinava com o comportamento feminino até então, cadernos de cultura que traziam colunas sociais, dicas de moda e beleza, efemérides e outras

superficialidades parecem não se adequar. Assim como parece não fazer sentido manter essa visão etnocêntrica de cultura no século XXI, quando o mundo passa por um processo de globalização que promete aproximar as diferentes sociedades.

Mas o sentido está justamente nos valores apresentados pelos jornais em seus cadernos culturais. Apesar da rapidez com que busca a notícia e o factual, quando se trata de mudança nos valores sociais, a tendência nos jornais é manterem-se conservadores. Até porque, na década de 1960 e ainda hoje, o público que lia jornal no Brasil era formado pela classe média e alta, que tendia a esse conservadorismo. Portanto, rebeldia política e emancipação feminina são assuntos que eram, e ainda são, tratados de acordo com certa conveniência por esses cadernos. Assim como o conceito de globalização é relativizado de modo a incorporar novas culturas, mas mantendo sempre a hegemonia cultural dos grupos economicamente e socialmente dominantes.

5. CONCLUSÃO

Ao olhar criticamente para um jornal é necessário entender que ele não é feito só pelo seu conteúdo textual. O discurso desta forma impressa de mídia está também nos seus aspectos formais, na sua aparência. Nesse caso, torna-se importante enxergar fatores como ordem e hierarquia das notícias, espaço ocupado por diferentes assuntos, tipo de texto com que são tratados esses assuntos (crônica, crítica, reportagem, nota, etc.), espaço das fotos, entre outras observações estéticas para absorver melhor a mensagem diária que aquele caderno de cultura tenta passar.

Esse espaço, aliás, apesar de ter uma história específica, que ocupa boa parte da história da imprensa moderna, e de ser freqüentemente identificado pelos leitores dos jornais como a primeira ou segunda seção a ser lida depois da primeira página, foi invariavelmente mantido como uma parte “menor” da publicação. A esses cadernos também foi, durante muito tempo, reservada a condição de abrigar tudo aquilo que não se enquadrava nas outras seções do jornal – atitude propiciada pela flexibilidade do termo cultura.

O aumento no número de matérias jornalísticas e reportagens, no entanto, pode significar que ao longo de quarenta anos, os cadernos de cultura tenham se definido mais como um espaço de jornalismo, embora aliado a entretenimento. O jornalismo cultural hoje, está mais ligado ao factual. O que, se por um lado o deixa mais próximo dessa caracterização de jornalismo, livrando-o de certos preconceitos, por outro significa a perda de espaço para críticas, crônicas, resenhas e discussões que não estejam ligadas aos fatos do dia-a-dia.

A noção de cultura que prevalece nos cadernos permanece pouco alterada, mantendo predominantemente um aspecto etnocêntrico. Sob essa ótica, a cultura “erudita” é mais valorizada que a “cultura popular”, e esta última é diferenciada da “cultura pop” – a qual ocupa, na realidade, a maior parte do espaço atualmente. Essa distinção entre “culturas”, bem como o distanciamento cada vez maior da cultura popular, estimulam no leitor o vício de achar que aquilo que o cerca, que faz parte de sua formação e de seu cotidiano, não é cultura.

Esta análise aponta para a possibilidade de se pensar o caderno de cultura sob outros aspectos, que favoreçam a sua perspectiva plural. É possível

considerar raízes e as diversas influências (inclusive a européia, mas não só ela) que formam a cultura brasileira, na hora de escrever. Evitar os etnocentrismos que fazem o jornalismo cultural no Brasil ficar atento apenas, ou na maior parte do tempo, ao eixo americano-europeu, é fundamental para ampliar o horizonte dos cadernos de cultura. Para isso, o caminho é se afastar dos preconceitos e dos falsos dilemas que afetam o jornalismo cultural, e procurar, jornalistas e editores de cultura, ficarem mais atentos ao que os leitores querem saber quando abrem os cadernos de cultura.

6. REFERÊNCIAS

Caderno B. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, jan. 1966.

Caderno B. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, out. 2006.

Folha Ilustrada. Folha de S. Paulo, São Paulo, jan. 1966.

Ilustrada. Folha de S. Paulo, São Paulo, out. 2006.

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100005&lng=en&nrm=iso>. Access on: 31 Oct 2006. doi: 10.1590/S0102-01882004000100005.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo. Contexto. 2004. 143 páginas

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 Out 2006. doi: 10.1590/S0103-20702005000100004.

ROCHA JUNIOR, Deusdedith Alves. História Cultural: Teoria e Metodologia. s/d. (Não publicado).

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004. Available from:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100002&lng=en&nrm=iso>. Access on: 31 Oct 2006. doi: 10.1590/S0102-01882004000100002.

ANEXOS

Pacoem, haverá de arle-
teis pro-
gramas da
presentes à
pelo FPA.

Folha Ilustrada

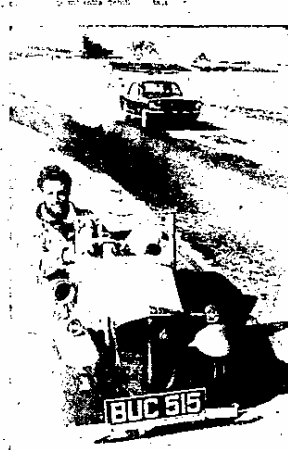
Reportagem	2	Teatros	4
Esportes	2	TV-Rádio-Show	4
Saúde	2	Díscos	4
Paraná	2	Polêmica	3
Mais	2	Ciência	3

PREVISÕES CIENTÍFICAS PARA 1966

Maior produção de alimentos e menor natalidade

WATSON DAVIS — EXCLUSIVO PARA A FOLHA

De uma perspectiva de longo prazo, a produção de alimentos no mundo tende a crescer mais rapidamente do que a população, segundo o relatório de um estudo realizado pelo Conselho de Segurança Alimentar e Agrícola da Organização das Nações Unidas (OEA). O estudo, publicado em dezembro de 1965, afirma que a produção de alimentos no mundo tende a crescer mais rapidamente do que a população, o que pode levar a uma situação de maior segurança alimentar e menor natalidade.



21 cilindros, de 60, par e

tal dá

ho

GRAMA

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

de 11 horas

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

São Paulo — Sábado, 1.º de janeiro de 1966



Lorne Greene, fotografado em Hollywood com sua esposa, Nancy Duale

Faz seis anos que Lorne Greene é Ben Cartwright

LLOYD SHEARER — EXCLUSIVO PARA A FOLHA

Lorne Greene, ator de Hollywood, tornou-se famoso por interpretar o personagem Ben Cartwright na série de televisão "Bonanza". Ele fez seis anos que interpreta o papel, e sua atuação é muito elogiada.

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Previsões para o ano de 1966

Volcões e terremotos

Novo método para urânio enriquecido

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Apresentar a técnica

Tumulo da rainha Cristina revela que ela não era feia

GUIDO FUCIO — CORRESPONDENTE DA FOLHA

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

A rainha Cristina da Suécia, que se tornou conhecida por sua beleza e elegância, revelou que ela não era feia. Ela afirmou que a pressão da mídia e a especulação sobre sua aparência afetaram sua vida pessoal.

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar faróis auxiliares agora é bem mais fácil

comprar e instalar

TV-RADIO-SHOW

CINEMA — TEATRO — TV — RADIO — MÚSICA — DISCOS

As notícias de canal em canal

Roberto Neto e Roberto Arista, repórteres do "Sítio de Notícias", continuam trabalhando no exterior. Depois de terem feito a cobertura das eleições na França, embarcaram para Paris. Também foram a cargo de assuntos jornalísticos no importante Presidente do Brasil, eleito em 1964. Roberto Neto, de 30 anos, e Roberto Arista, de 25, estão em Paris. Roberto Neto, de 30 anos, e Roberto Arista, de 25, estão em Paris. Roberto Neto, de 30 anos, e Roberto Arista, de 25, estão em Paris.

"Bom Dia" e "O Dia" são os programas que a Rádio Nacional vai transmitir no dia 20 de janeiro. Os dois programas são transmitidos às 6h e às 7h, respectivamente. Os dois programas são transmitidos às 6h e às 7h, respectivamente. Os dois programas são transmitidos às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Gente varia

Davi Neto, ator do Canal 5, sofreu acidente há dois dias quando estava em uma reunião de trabalho. O acidente ocorreu quando Davi Neto estava em uma reunião de trabalho. O acidente ocorreu quando Davi Neto estava em uma reunião de trabalho.

Será apresentada neste programa de rádio, a obra "O Homem do Sítio de Notícias", de Roberto Arista. O programa será transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O programa será transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O programa será transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

O jornalista "O Dia" e "Bom Dia" são os programas que a Rádio Nacional vai transmitir no dia 20 de janeiro. Os dois programas são transmitidos às 6h e às 7h, respectivamente. Os dois programas são transmitidos às 6h e às 7h, respectivamente. Os dois programas são transmitidos às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

MÚSICA

Melhores em votação

Hoje, no 20.º aniversário da fundação da Rádio Nacional, o programa "Melhores em Votação" será transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O programa será transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O programa será transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Depois de um longo período de ausência, o cantor Roberto Neto retornou ao Brasil. O cantor Roberto Neto retornou ao Brasil. O cantor Roberto Neto retornou ao Brasil.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

PIANO FRITZ DOBBERT
PRODUTO DA PIANOFABRICA PAULISTA S.A.

Os telefones
52-7903
52-7904
52-9180



estão à sua disposição, sempre que V. quiser anunciar na "Folha"



Natalina Timbre voltou à televisão estrelando "O Rolo de Mulher" no Canal 5

TEATRO

"Zumbi" recomeça amanhã

Na noite de amanhã, o espetáculo "Zumbi" recomeça suas apresentações no Teatro Municipal. O espetáculo "Zumbi" recomeça suas apresentações no Teatro Municipal. O espetáculo "Zumbi" recomeça suas apresentações no Teatro Municipal.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.



5 meses de "Megera"

Temporada de sucesso acontece com "A Megera" no Teatro Municipal. A temporada de sucesso acontece com "A Megera" no Teatro Municipal. A temporada de sucesso acontece com "A Megera" no Teatro Municipal.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.



Mazaropi volta

Mazaropi é o diretor e autor de uma obra no "O Povo" de São Paulo. Mazaropi é o diretor e autor de uma obra no "O Povo" de São Paulo. Mazaropi é o diretor e autor de uma obra no "O Povo" de São Paulo.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

CINEMA

O IMPASSE ATOMICO

(contra Goldfinger)

ARMANDO BLANCO

A história de "O Impasse Atômico" é baseada no livro de Ian Fleming. O livro "O Impasse Atômico" é baseado no livro de Ian Fleming. O livro "O Impasse Atômico" é baseado no livro de Ian Fleming.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

CINENOTÍCIAS

Projetos

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Elenco

Domingos de Oliveira, Leonardo Vilas, Paulo Aires, Geraldo Gama, David Neto, Roberto Ferreira, Alípio de Castro.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Conteúdo no Rádio Difusor, Jairo Figueira, "O Homem do Sítio de Notícias", foi enviado para a estação de rádio no Rio de Janeiro. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente. O conteúdo do programa é transmitido às 6h e às 7h, respectivamente.

Hoje na TV

TV-2

14h	Prêmio Nacional
15h	Notícias
16h	Notícias
17h	Notícias
18h	Notícias
19h	Notícias
20h	Notícias
21h	Notícias
22h	Notícias
23h	Notícias

TV-5

14h	Prêmio Nacional
15h	Notícias
16h	Notícias
17h	Notícias
18h	Notícias
19h	Notícias
20h	Notícias
21h	Notícias
22h	Notícias
23h	Notícias

TV-9

14h	Prêmio Nacional
15h	Notícias
16h	Notícias
17h	Notícias
18h	Notícias
19h	Notícias
20h	Notícias
21h	Notícias
22h	Notícias
23h	Notícias

TV-4

14h	Prêmio Nacional
15h	Notícias
16h	Notícias
17h	Notícias
18h	Notícias
19h	Notícias
20h	Notícias
21h	Notícias
22h	Notícias
23h	Notícias

TV-7

14h	Prêmio Nacional
15h	Notícias
16h	Notícias
17h	Notícias
18h	Notícias
19h	Notícias
20h	Notícias
21h	Notícias
22h	Notícias
23h	Notícias

Estes programas estão sujeitos a alterações de última hora por parte das emissoras.

Colchões DUROCRIN
Durocrin — colchão de crina mecanicamente prensada, proporciona um apoio correto da dor e a durabilidade e postura adequada das pessoas. Ideal para quem sofre de dores lombares, escoliose, artrite, etc. Disponível em vários tamanhos e cores. Colchão de crina mecanicamente prensada, proporciona um apoio correto da dor e a durabilidade e postura adequada das pessoas. Ideal para quem sofre de dores lombares, escoliose, artrite, etc. Disponível em vários tamanhos e cores.

DAVID & DANGOT LTD.
Liquidação de estoque (última oportunidade) de todos os produtos da marca David & Dangot. Oportunidade única de adquirir produtos de alta qualidade a preços muito baixos. Não perca esta oportunidade. Última oportunidade de adquirir produtos de alta qualidade a preços muito baixos.

FERNANDO SABINO

CEARÁ EM LONDRES

Via VARIG

DE VEZ EM QUANDO uma respeitável dona-de-casa é apanhada furtando nas mercearias de Londres. Outro dia foi o triste caso de uma senhora que botou na bolsa, por distração, uma lata de conserva. Foi condenada por furto, apesar do verdadeiro certificado de honradez que lhe passaram vizinhos, fornecedores e conhecidos do bairro, intercedendo em seu favor, num abaixo-assinado que encaminharam ao juiz.

Agora é o caso de uma senhora húngara que confessou ter furtado alimentos no valor de 1 libra, 11 xelins e 6 pence. Durante o julgamento, afirmou que veio de Budapeste para casar-se com um inglês há oito anos atrás, e que o marido ganha pouco, mas gosta de comer *goulash*. A carne é cara, a carne é fraca: só furtando. Em sua defesa, o advogado alegou que ela até hoje não houve meio de aprender as receitas mais econômicas da cozinha inglesa.

Desta vez o juiz foi benevolente: condenou-a a dois meses de liberdade condicional, obrigando-a, durante este tempo, a estudar num livro os segredos da culinária britânica. O que não lhe será difícil, pois o único segredo consiste em jogar na panela uma batata e cozinhar, sem sal, sem tempero e sem gordura. Ao marido, se batatas.

UM JORNAL de Londres publica, como autêntica curiosidade, a fotografia de um novo produto: uma bela rede nordestina, daquelas de franja, e que pode ser encontrada à venda em Bond Street. Trata-se de uma loja recentemente inaugurada, e de propriedade de um comerciante brasileiro que resolveu estabelecer-se nesta praça com artigos exclusivamente nacionais. O nome da loja é que não peca por excesso de imaginação e não deixa também de exigir um pouco de atenção de inglês para pronunciá-lo corretamente: Loja Brasileira. Ainda não pude passar por lá para uma espiada, mas já soube que se trata de coisa feita com capricho, tendo tudo quanto é produto típico que estrangeiro gosta, das caixinhas com desenhos em madeira aos colares de balangandãs. A localização é excelente e a idéia ainda melhor, pois certamente servirá de ponto de partida para a divulgação de outros produtos da indústria nacional, além do indesejável jacaré empalhado (que aliás, ao que me consta, lá não tem). Estou pensando em móveis, soneijos, objetos, de arte aplicada e decoração. Embora não passe, lá muita coisa para inglês ver — a-estimar.

PASSARELA

GILDA CHATAIGNIER



Transcintas elips da casa, de Saint-Roch



ESTAMPADINHO

Em matéria de peças de roupa, a que mais foi vendida na época do fim do ano foi a blusa de malha tipo *cô-tê*, que os franceses chamam *je-sé* (e os paulistas também) e que foi lançada com sucesso por Brigitte Bardot e Sylvie Vartan. Uma loja especializada chegou a vender quatro mil blusas por dia.

Você sabia que os vestidos autênticos *Courrèges* não ultrapassam o manequim 44? E que o tamanho que tem mais venda é o 40?

Segredo da linha esguia de Gerdeline Chaplin: um colar de banjoalés e alguns tabletes de chocolate, todas as manhãs...

Regina Lebelton está lançando um mais sensacional, com a parte do estômago, com um rendado tipo *croché*, feito com os próprios fios de helanca, uma graça.

A Rastro é a única boutique do Rio que tem no momento acessórios op, de grande categoria.

De acordo com truques que recebemos de *Lorgue*, a maquiagem clássica recordada a foi bastante usada nos tons da alta sociedade. Aparece na foto é de *de* Pat Darnett.

Embalagem também moda. E a mais bonita Rio é, sem dúvida, a do *linhã* de artesanato cas curioso em Copacabana de anilagem, preso barbante grosso e um nito verde da casa, prende uma flor branca frutinha vermelha.

Presentes que *Eliza Taylor* ofereceu a seu do Richard Burton, no aniversário nesse fim de uma Ferrari, uma edição *ghinal* de Shakespeare, quadro de Rembrandt, par de abotoaduras de na, quatro ternos em marinho, 15 comissas de 11 pares de sapatos e 200 cotes de Gaulloises...

O alfaiate Claude Bville lançou o smoking *breitschwanz*, aquele tão

O MODELO QUE VOCÊ PEDIU

Desenhos de DIANA

Se você tem alguma dúvida a respeito de moda ou quer a sugestão de determinado modelo, escreva para Gilda Chataignier — JORNAL DO BRASIL — Avenida Rio Branco, 110 — 5º andar —, que responderemos com prazer às suas perguntas e que cada carta deve conter apenas um pedido, para facilitar a nossa correspondência.

MARIA GONÇALVES — Laranjeiras: Como você tem boa altura e é magrúla, ficará bem este vestido estilo *Olivier* prolonga em corte na sala. Duas costuras horizontais sob o busto e outras pouco acima dos quadris. Fita franzida e laço simples em cetim fêco, num azul um pouco mais claro do que o da renda. Reserve sempre.

SUANI R. SILVA — Campos: Lamentamos não ter respondido em tempo a sua cartinha. Mas aí vai a idéia de um vestido para a sua menina. É em plúmel branco, com entretel em *croché* com ponto aberto. Esse modelo esconde o estômago e a barriguita da menina.

MARTA TERESA — Rio: Os sapatos de napa só ficam bem nos vestidos informais, usados à noite. Como você tem um bom físico, faça este modelo em xantique Dior bege, cinto, recorte uma gola e contorne-a, assim como o decote, de miçangas e pedras em tons de prata envelhecida, que ficará bem. Escreva sempre, sim?

CELIA RIBEIRO — Rio: Não recebemos a sua primeira carta, Célia, mas aí vai a segunda, com bastante atraso, o que lamentamos. Para reformar e enriquecer o seu tubinho clássico, recorte uma gola e contorne-a, assim como o decote, de miçangas e pedras em tons de prata envelhecida, que ficará bem. Escreva sempre, sim?



O João João Mito, de Couture

Memórias de Beauvoir

Pessoa, cidade, marante das
letras femininas no século XX.
Simone de Beauvoir e o ho-
mem.



em todo o
mundo. Ainda
agora a Difus-
ão Européia
do Livro nos
da o segundo
volume de
suas memo-
rias, sob o tí-
tulo de "Sub-
o Signo da
História".
Beauvoir II" em tra-
dução de Maria Jacinta. Nos-
so volume Simone de Beauvoir
deixa várias páginas ao Bra-
sil quando aqui esteve em
companhia de Sartre e nelas
faz observações curiosas so-
bre várias cidades, nossas, e
sua problemática social. O
livro de modo geral é a aven-
tura de Simone de Beauvoir
em vários países do mundo.
Ha um epílogo que descreve as
reações da autora em face de
seus livros e da crítica.

Homens e problemas

Homens e problemas, este
novo livro de "matemática do Li-
vro de Rui Gomes de Almeida
de "Homens e Altitudes", e do
de Paulo Nogueira Filho "A
Guerra Civil de 1932", ambas
publicadas pela Livraria Jus-
ta. O livro de Rui Gomes de Almeida
está com prefácio de Assis
Chateaubriand e examina pro-
blemas brasileiros em toda
sua complexa variedade, cons-
tituindo-se em importante
contribuição ao estudo destes
últimos 20 anos nacionais. O
livro de Paulo Nogueira Fi-
lho é a história crítica do
movimento constitucionalista
de São Paulo e de acordo com
o plano da obra, vai ser com-
pleto por cinco volumes.

Elementos de religião

Uma colocação importante
na história das religiões
e proposta por Amoroso Do-
nati em seu livro "Breve His-
tória das Religiões", tradu-
zido por Luis Mario Gazzano
para a Editora Civilização
Brasileira. O volume parte de
uma visão científica da ori-
gem e do desenvolvimento das
grandes religiões em conexão
com a realidade social e eco-
nômica dos períodos históri-
cos que a elas nos levam. Am-
oroso Donati, leciona religio-
nas Universidades de Bari e
de Roma.

LETRAS E PROBLEMAS UNIVERSAIS

O Vaticano II e a nova cristandade

Sem dúvida, o maior acontecimento universal de 1965
foi o encerramento do Concílio, que veio realmente rejuve-
necer a face do Cristo e atualizar a Igreja, segundo as
expressões do seu inesquecível convocador. Paulo VI levou
a sua plena realização a obra de João XXIII. E os 2.700
prelados, que constituíram a maior assembléia que jamais
se reuniu na Terra, marcaram realmente uma data capital na
história do Cristianismo, da Igreja Católica e da própria
humanidade.

A Igreja se abriu ao mundo presente e ao mundo futuro,
não por uma adaptação oportunista ou fortuita ou pela renú-
cia a qualquer elemento fundamental de sua mensagem, mas
justamente pela volta às fontes e pela eliminação de tudo ou
quase tudo de acidental que desde o Concílio de Trento veio
nela confundir-se com os dados essenciais de sua missão.

Antes de tudo, essa volta às fontes representou o verdadei-
ro sentido de sua natureza, como indicadora do futuro e não

apenas como preservadora do passado. Cristo e a luz da
humanidade (*lumen gentium*) e o povo de Deus, sua mis-
são de levar a todos, a toda a humanidade, a paz, a união,
a Caridade, a Esperança, a Fé de Cristo, a comunhão
de pessoas e de povos. Daí o caráter missionário do Concílio
e a missão apostólica de cada cristão. Daí o caráter de
abertura, que marcou de modo capital o Concílio e o sentido
que ele recomenda para a nova caminhada que se inicia
depois desse "xame de consciência" e da reforma que se
roteirou a seguir. Se o Concílio de Trento tornou possível
os dados fundamentais da Igreja em estado de defesa e de
confiança em frente a um mundo hostil e de desconfiança,
va afastar-se, fechando-se para não se corromper. O Concílio
II formulou os conceitos fundamentais de ordem, de coe-
são, de participação, de comunhão, de unidade, de amor
só entre si, mas com os não cristãos ou mesmo com os in-
féis, em suma, da Igreja em estado de convívio e de confiança.

TRISTÃO DE ATAÍDE

la criação do sínodo episcopal permane-
te, junto ao papa, como os apóstolos e os
discípulos sempre estiveram junto ao
Cristo, nos três anos de sua existência pu-
blica, impedindo com isso a aproximação
absolutista, com que tantos se identifica-
vam a figura do papa, depois do Vaticano
I e da definição da infalibilidade.

Definiu, acima de tudo, esse ponto
capital da liberdade de consciência, aie
João XXIII havia incluído entre os di-
retos do homem, que toda a consciên-
cia moderna esclarecida exige, mas que
muitos hesitavam em aceitar ou mes-
mo condenavam, ainda apeados a uma con-
cepção autocrática e dilação assim tota-
litária da Igreja.

Em pontos delicados de costumes, co-
mo no capítulo da moral conjugal, em
mantendo a sua defesa da intangibilidade
da vida, quebrou o Concílio a rigidez de
condenações antigas, abrindo o cami-
ho a uma concepção muito mais autêntica,
flexível e humana, baseada na luz da
consciência dos casais, e não na letra ri-
gida de normas abstratas.

Adoção em decisões extracóncla-
res, mas concomitantes e concordantes,
a Igreja em estado de Concílio tornou co-
dições sensacionais, que rasaram hori-
zontes, no mesmo sentido da supres-
são do efêmero em benefício do eterno.
Assim a reforma da Curia Romana. E
mas que tudo a efêmera ação de odiosa ex-
pressão. Santo Ofício, último re-
quês da Inquisição e a modificação profunda
dos métodos de censura de livros e da

condenação de pressões políticas e
do terror.

Podemos não nos esquecer de
II representou a luz do espírito, a
luz e a união, a paz, a comunhão, a
Caridade, a Esperança, a Fé de Cristo,
a comunhão de pessoas e de povos.
Daí o caráter missionário do Concílio
e a missão apostólica de cada cristão.
Daí o caráter de abertura, que marcou
de modo capital o Concílio e o sentido
que ele recomenda para a nova cami-
nada que se inicia depois desse "xame
de consciência".

Hoje, há uma profunda reforma
do encerramento, que se deu em
ambos os sentidos, que se deu em
ambos os sentidos. O papa, em
sua mensagem, não se limitou a
representar a luz do espírito, a
luz e a união, a paz, a comunhão,
a Caridade, a Esperança, a Fé de
Cristo, a comunhão de pessoas e
de povos. Daí o caráter missionário
do Concílio e a missão apostólica
de cada cristão. Daí o caráter de
abertura, que marcou de modo
capital o Concílio e o sentido que
ele recomenda para a nova cami-
nada que se inicia depois desse
"xame de consciência".

Honorários de advogado

(Obrigação de meios e de resultados)

MOURA BITTENCOURT

A distinção entre obrigações de meios e de resultado en-
contra na prestação dos serviços do advogado excelente campo
de entendimento e de aplicação.

Se alguém contrata com um marceneiro a confecção de
uma mesa e ele lhe entrega um armário, a obrigação não foi
cumprida, não obstante o trabalho empregado. O que se objeti-
vou no negócio foi o resultado, embora o serviço (meios) tenha

"Pour Dante"

NOGUEIRA MOUTINHO

Ernst-Robert Curtius, tal qual em sua obra a respeito
do problema criado, atribuído a P. M. Curtius, no livro da An-
tidade para a Itália, a uma obra de Curtius, que se trata
mento original do autor das "Antiquitates" de Curtius, o
lenda mítica no campo da história, que se trata de
lenda, porém, não se dá a ideia de uma obra de
piores vicissitudes e de uma obra de Curtius, que se trata
te na Itália, a uma obra de Curtius, que se trata de
há quase um milênio. Em sua obra, Curtius, que se trata
elatos: Claudel e um deles. Não há tempo suficiente para
ciado pelo mite, a obra de Curtius, que se trata de
tempo, testemunhar sobre Dante no que se trata de
durante o qual o mundo todo celebrou o sétimo centenário

AS

Especto

CALCANTI FILHO

tem para um balanço da produção
que acaba de se findar. Tal
señores, também um mundo de di-
vidade, quer sob o aspecto quan-

LITERATURA
LAGO BURNETTA POESIA
CENTENÁRIA
DE VARELA

56 a Editora das Américas, de São Paulo, parece ter se lembrado de uma data importante no calendário das letras brasileiras durante o ano que passou: a do centenário de lançamento dos Cantos e Fantásticas, de Fagundes Varela, em 1885. Para homenagear o grande poeta do Cântico do Calvário ("Eras na vida a pomba predileta..."), a Editora encontrou na dedicação e no carinho do pesquisador Frederico Pessoa de Barros a pessoa indicada para fazer um levantamento de toda a agitada vida do poeta paulista no livro *Poesia e Vida de Fagundes Varela*, que acaba de vir à lume.

Restabelecer a verdade em torno de uma figura até hoje muito discutida como a de Varela não é tarefa das mais fáceis. O inventário biográfico, o artista irresponsável, o homem cheio de virtudes exigidas do biógrafo uma peregrinação paciente por todos os lugares em que ele andou, a fim de comparar informações e obter dados novos. Frederico Pessoa de Barros fez isso. E penetrou com muito jeito a análise da personalidade do poeta, situando-o dentro do panorama da sociedade e da família, em que ele tentou viver.

Vale a pena reter (ou ler) esse poeta que até nos faz paralisar de sua dor diante do filho morto, quando se debruça sobre o copinho imóvel para nos oferecer uma das mais belas e sentidas elegias jamais construídas em nossa língua:

"Eras na vida a pomba predileta
que sobre um mar de angústia conduzia
o ramo da esperança. — Eras a estrela
que entre as névoas do inverno civiliza
apontando o caminho ao peregrino.
Eras a messe de um dorado estio.
Eras a hálito de um amor sublime.
Eras a glória — a inspiração — a pátria,
o porvir de teu pai! — Ah! eu sei, eu sei,
pomba — varrei-te a flecha do destino
astro — enrolei-te o temporal do Nordeste
— calste! — crenga, já não vives!"

Nesse longo poema, Varela nos dá toda a dimensão do seu potencial lírico, numa explosão de ternura e lágrimas capaz de comover os leitores menos permeáveis às nuances do sentimento humano.

Vale a pena reter (ou ler) esse poeta, decorridos 100 anos de aparecimento de uma das suas obras mais significativas, que lhe asseguraram para sempre um lugar de destaque na poesia brasileira.

CASSIANO — 68 — Cassiano Ricardo, que recebeu no ano passado os Prêmios Jabuti, Instituídos pela Câmara Brasileira do Livro e Fundação Cultural do Distrito Federal, ambos no setor da poesia, já entregou à Editora José Olympio a original de um novo livro de poemas — Os Sobreviventes — a sair em meados deste ano. O grande poeta, cuja permanente renovação intelectual impressiona cada vez mais a crítica e o público, obteve os dois prêmios com as obras *Montanhas Russas* e *Jerusalém sem Gloriar*, ambas lançadas pela Editora José Olympio. A Comissão Julgadora do prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal, concedido durante a II Semana Nacional do Escritor, reunida em Brasília, em setembro último entre constituição por Augusto Matar, Afonso Félix de Sousa e Domingos Carvalho de Silva.

Nascido a 29 de julho de 1885, em São José dos Campos (São Paulo), Cassiano Ricardo completou há pouco 70 anos de idade. Edrei em 1915, com os poemas de *Denúncia da Noite*, completa também meio século de vida literária, ativa, fecunda, dignificada. Poeta e prosador, com igual título de nobreza em ambas as modalidades, Cassiano Ricardo é nome definitivamente incorporado à história da literatura brasileira. Modernista não gregório, liderou no movimento os grupos Verde-Amarelo e da Anta, onde assumiu posição de vanguarda, fortemente impregnada de nacionalismo até Martin Cereré, de 1928. Aliterando, em 1947, os rumpes de sua poesia, que se interioriza a partir dessa data, e com singular grandiosidade, o autor de *Um Dia Depois do Quê* ergue praticamente uma obra nova e diferente, que se coloca hoje entre as maiores do nosso tempo. Sua bibliografia literária, numerosa e variada, além dos estudos históricos como *Montanhas Russas* e *Orele e O Tráfego de Fátima*, revelou ainda pouco com os poemas de *Jerusalém sem Gloriar*. Cassiano Ricardo pertence à Academia de Letras, desde 1967.

MÚSICA
KINTO MARRASANI

ANO NOVO

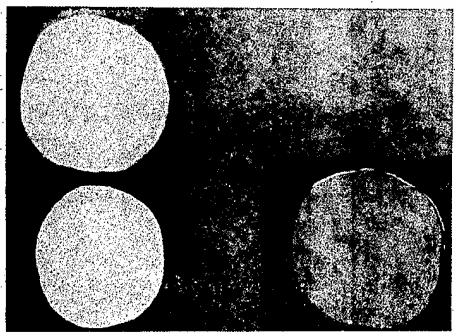
*** Muitas felicidades! Que o ano de 1988 possa ser rico de música de boa qualidade, bem executada e executada, com, também, obras dos nossos compositores e dos outros do nosso século. Que as três orquestras possam ter seus quadros completos, atuais e independentes; que concertos, óperas e balados possam ser organizados desde o início do ano em temporadas orgânicas, sem aventuras nem milagres de última hora. Que a Sala Cecília Meireles inicie uma atividade feliz e fecunda. Que a Escola de Música ensine mesmo e não esqueça os progressos dos últimos 200 anos. Que a Ordem dos Músicos alcance finalmente sua verdadeira razão de ser. Que a música, numa palavra, retorne seu lugar, na Cidade mais musical do mundo.

*** Na espera, dia 28 de dezembro, a ampla sala da Penitenciária hospedou o último recital de 1987, confiado à cantora Lídia Granata de Porto Alegre, Prêmio Benjamin Gigli. O programa, muito variado, compreendia obras de Mendelssohn, Schubert, Liszt, Toselli, Paganini, Ginastera, Alvariz, Bruch, Grieg, Chabrier, Saint-Saëns, Puccini e da própria Granata. Esta era acompanhada ao piano por Ester Monte, e o pianista era diabolicamente eletronicizado fazendo pensar em dilúvio universal.

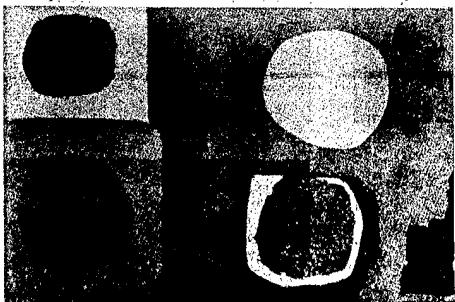
versal, em guerra atômica, abafando incoerentemente a voz da cantora. Apesar do instrumento e do programa, foi possível admirar as sérias e bonitas qualidades da voz quente, muito bem timbrada e vibrante de Lídia Granata, e a sensibilidade musical que a guia no fraseado e na aderência com as obras que interpreta. Muitos aplausos.

*** Também dia 28, às 4 da tarde, recebi o convite do Instituto de Cultura Brasileira-Flórida para a solenidade de inauguração da *Festa e monumento Jean Sibelius*. Na cerimônia foi realizada na véspera, portanto só posso alegrar-me pelo fato de o máximo compositor finlandês ter sido homenageado dignamente pela Cidade de Maravilha. Homenagem justíssima, merecidíssima, que entretanto faz lembrar que (salvo erro) os cartões de São Maurício e Heitor Villa-Lobos não tiveram sua praça até hoje, e possivelmente nunca a terão.

Sérgio Nepomuceno Alvim Correia me remete uma separata da Revista do Livro, com o Catálogo Geral das Obras de Alberto Nepomuceno, seu ilustrado. Trata-se de obra grandemente útil, preparado e apresentada com carinho e sabedoria, e completada por discografia e uma bibliografia.



Patrick Heron: Discos vermelhos em análise



Patrick Heron: Pintura abstrata com lamina, lã e pó

ARTES
HARRY LATE

GRÁ-BRETANHA NO MAM (I)

Todas as obras de arte que representaram oficialmente a Grã-Bretanha na VIII Bienal de São Paulo poderão ser vistas no Museu do Arte Moderna do Rio, a partir do dia 6, quinta-feira.

A exposição britânica é composta de 15 pinturas e 16 construções de Victor Pasmore e de 15 pinturas de Patrick Heron. Heron foi distinguido com uma Menção Honrosa e esteve no Brasil quando da realização da Bienal, pronunciando diversas conferências, inclusive no MAM do Rio. Esta mostra foi organizada sob os auspícios do Conselho Britânico. Informamos hoje nossos leitores sobre Patrick Heron.

Nascido em Leeds, em 1920, Heron cresceu em St. Ives, na Cornualha, onde vive atualmente. Estudou no Slade School of Fine Art, em Londres, de 1937 a 1939 e, depois, a partir de 1945, passou a fazer regularmente críticas de arte de alta qualidade, nas quais o público da sua obra As Formas Mutáveis da Arte, em 1955, dedicou-se exclusivamente à pintura. Sua obra mais antiga denota admiração pela organização espacial de Braque e seu interesse pelas relações entre cor e espaço persistiu na pintura abstrata, que o tem abstraido desde então. Sua primeira mostra individual em Londres teve lugar em 1947 na Galeria Redfern, onde regularmente exibe até 1984. A partir daí teve uma exposição individual na Galeria Wadlington, em 1960/61/62. Outras exposições individuais ocorreram em Nova York, na Galeria de Arte de Toronto, em 1960/62, e em outubro de 1965, e em 1967, na Galeria Leithard, em Zurique.

Em 1968, Heron ganhou uma bolsa da Fundação Rockefeller, da qual não fez uso. De 1963 a 1964, trabalhou

RELIGIAO
MARTINS ALONSOUM ANO
FRUTUOSO
PARA A
IGREJA

O ano que expirou foi altamente produtivo para a Igreja. Exatamente quatrocentos anos depois de encerrado o Concílio de Trento, que realizou profunda reforma no mundo católico, e cujas normas e decisões ainda vigem, o Vaticano II concluiu as atividades de quatro anos as quais corresponderam as quatro sessões conciliares que reuniram em Roma o episcopado universal. E, dentro em pouco, as conferências de bispos de todo o mundo iniciaram a implantação intensa dos decretos e resoluções promulgados após formulação e o debate de variados e complexos problemas levados no agosto plenário no interesse da paz e do bem-estar de todos os povos, não somente os que fruem os benefícios da fé católica, mas também os de outras religiões, mesmo as não cristãs, pois para todas, esteve aberta a caridade da Igreja em busca de soluções, na procura da unidade e da concordância entre as criaturas de Deus.

Não foi pequena a participação da hierarquia eclesial brasileira na magna assembleia da Cidade Eterna, eis que a nossa presença foi das mais numerosas e as intervenções dos nossos prelados nos debates tiveram relevância, assim a cooperação de nossos peritos teólogos em número e qualidade que revelaram a competência e a cultura do clero nacional. Nossos pastores diocesanos integraram várias comissões de estudo, opinando em pareceres e relatórios, sabendo-se ainda que alguns figuram entre os escolhidos para a próxima revisão do Código de Direito Canônico, cuja vigência já conta quase meio século, exigindo o seu texto modificações e até mesmo inovações impostas pelo tempo ou resultantes das decisões do Concílio.

No que respeita ao engajamento previsto por João XXIII ao convocar o Vaticano II, as primeiras manifestações começaram com a renovação litúrgica, pelo processo de simplificação e melhor compreensão dos atos do culto pelos fiéis. E isso fez com que alguns lugares as alterações da liturgia ainda não produziram os efeitos esperados, havendo algumas dificuldades a remover. Mas de modo geral, as inovações foram bem recebidas, dependendo de tempo para a sua integração.

Mas, o Concílio atualizou a Igreja não apenas no diálogo litúrgico. O diálogo foi aberto em todas as direções, quando os bispos estudaram problemas da profundidade da comunicação com os não crentes, quando debateram e concluíram com relação à liberdade religiosa e, finalmente, naquela hora em que abriram os braços para receber fraternalmente os que estavam separados e os que noutro tempo haviam divergido em questões de doutrina que o Concílio esclareceu em sua alta sabedoria.

Documento de grande clareza e erudição é a Constituição Dogmática, cujos oito capítulos não propõem novos dogmas, porque não foi esse o objetivo do Concílio, mas não deixam de definir claramente o papel da Igreja chamada a prosseguir o caminho traçado por Cristo para comunicar aos homens os frutos da salvação. O mistério da Igreja, o povo de Deus, a constituição hierárquica, Os leigos, a santidade da Igreja, Os religiosos, A índole escatológica da Igreja permeante, A bem-aventurada Mãe de Deus no mistério da Igreja e de Cristo são as partes em que se estrutura a *Lumen Gentium*, um dos mais notáveis documentos oferecidos ao mundo pela inteligência da Igreja.

Ainda é cedo para se avaliar das dimensões do trabalho realizado pelo Concílio no ano em que se celebra o IV Centenário do Tridécimo. Mas, já se podem prever os frutos desse esforço, não tarda que o mundo todo se beneficie da obra realizada, o que vai depender agora da abnegação dos bispos e da colaboração dos leigos inúmeras vezes exaltada no decorrer das atividades conciliares e anunciada nos preceitos da Constituição da Igreja. Foi um ano laborioso para o episcopado universal, mas rico de graças e favores divinos para a Igreja e o mundo moderno.

TEATRO
VAN MICHALSKIETELVINA
NÃO
CALOU

Quando, depois de um atraso de 45 minutos no início do espetáculo e de um primeiro ato que parecia não querer acabar nunca, veio enfim o ato ansiosamente esperado. Intervalo, um conhecido nos perguntou: "Você acredita ou que está vendo?" Este colunista, prudentemente, belou-se várias vezes para se convencer de que não estava sonhando. E acabou respondendo que com toda sinceridade, e apesar de todo o seu esforço, não conseguia acreditar naquilo que acabava de assistir no decorrer dos últimos 15 minutos.

E não é de se acreditar, mesmo. A gente entra no teatro, senta na poltrona, e no momento em que o pano sobe, a inexorável marcha do tempo à qual, nos acostumamos desde sempre é interrompida por uma mudança mergulho no passado, que nos transporta bruscamente uns 40 anos para trás. Todas as conquistas e toda a evolução do moderno teatro brasileiro são peremptórias e correntemente negadas pelo que acontece em cena. A julgar pelo que vimos, nunca houve, neste País, pessoas dispostas a modernizar a arte dramática, a lhe dar maturidade de expressão ou pelo menos qualidade artística condizente com as exigências da nossa época. Zumbini nunca passou pelo Rio. Ratto nunca saiu da Itália, o TBC nunca disciplinou a técnica do espetáculo, o Teatro de Arena nunca lançou a semente de um teatro capaz de refletir a nossa realidade contemporânea e o Teatro Oficina apresentou Pequenos Burgueses apenas no Uruguai, não tendo sequer visitado o Brasil. Se é verdade que não conseguimos perceber a presença física do poeta, símbolo de um teatro que consideramos morto e enterrado, o seu espírito sobreviveu o pulso desde o primeiro até o último minuto do espetáculo.

Uma única conquista cultural das últimas décadas foi incorporada em Cala e Bica, Etelvina, aliás em doses cavalares: a da televisão, ou melhor, a dos chamados programas humorístico-musical com os quais os produtores da nossa TV promovem o embolamento coletivo da população carioca. A banalíssima música de João Roberto Kelly — um jovem talento que ao TV parece ter destruído prematuramente —, a coreografia de J. J. na abertura e o tom da apresentação de quase todo o elenco, tudo isso parece pertencer muito mais ao horário das 20 ou 20h30m da máquina do que fazer parte do que ao palco de um teatro, que julgamos submetido a leis mais exigentes e a obrigações artísticas menos ranciosas e popularezas.

Pouco mais temos a dizer sobre essa mistura de um teatro inteiramente ultrapassado com as manifestações mais subdesenvolvidas da nossa TV. As poucas coisas aproveitáveis e divertidas do excessivamente ingênuo e infantil texto de Armando Gonzaga não resistem a essa inerteza enganosa. O elenco, no qual cada intérprete propõe um estilo particular de chanchada, parece ter sido trabalhado principalmente no sentido de evitar encontros em cena, mas às vezes nem ao menos este objetivo é alcançado. Uma única pessoa consegue, a rigor, nos convencer de que é uma atriz de verdade: Henriqueta Briebe. A co-estrela de Odilon com o rancionismo artístico do espetáculo nos chupa de melancolia, principalmente numa cena em que o veterano ator é obrigado a executar uma série de danças, de uma grotesca indelicadeza. O resto varia entre uma participação apagada e inexpressiva (Brigitte Blahr, Maria Teresa Barros, Antônio Campos, Lúcia Magna) e a chanchada óbvia e agressiva, tipo programa humorístico de TV (José Voluzi, Valdir Maia, Sotíquia Rentini). Roberto Audi se comporta como um amador blando e deve ser aconselhado a retornar imediatamente às suas atividades de cantor de TV, onde, ao que parece, possui uma vasta legião de fãs, o que não acreditamos possa lhe acontecer um dia no teatro.

O nome de Afrânio Rodrigues, como cenógrafo e figurinista, aparece listado à lápis na primeira página do programa. Cumprimentando o artista por esta demonstração de espírito crítico, aconselhamos que exija a eliminação do seu nome também da página central do programa, onde ele permanece, por equívoco, listado. Resta a pergunta: quem fez, afinal os fraquíssimos cenários e figurinos?

O responsável pela encenação, Sadi Cabral, tem uma longa lista de serviços prestados ao teatro brasileiro, e a leciona atualmente interpretação e direção em algumas das nossas escolas de arte dramática. O respeito que temos pelo passado artístico do Sr. Sadi Cabral nos impõe a esperança de que ele, enfim, por seus alunos de direção, exatamente o oposto do que acaba de fazer em Cala e Bica, Etelvina.

Com essa produção, o ano teatral de 1985 termina de uma maneira profundamente deprimente. Um único consolo: o ano de 1986 há de começar muito melhor. O contrário seria difícil.

